

## FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA (TESES E DISSERTAÇÕES) BRASILEIRA

**Victor Hugo de Oliveira Henrique** (PPGE/UFMT) – [hugo31\\_oh@hotmail.com](mailto:hugo31_oh@hotmail.com)

**Michèle Sato** (PPGE/UFMT) - [michelesato@gmail.com](mailto:michelesato@gmail.com)

GT 06: EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMUNICAÇÃO E ARTE

### Resumo:

Este trabalho objetivou realizar um mapeamento das pesquisas feitas na forma de dissertações e teses em educação ambiental que apresentaram a perspectiva da Fenomenologia. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado uma busca usando os descritores/palavras-chaves a) Fenomenologia; b) Percepção ambiental; c) Fenomenologia da Percepção no Banco de Teses e Dissertações em Educação Ambiental (EArte). Foram identificados 88 trabalhos, sendo 63 dissertações de mestrado e 25 teses de doutorado. Os trabalhos se concentraram no estado de Mato Grosso, e no contexto não escolar. Houve uma predominância do gênero feminino na autoria das pesquisas. Esta investigação abre oportunidades para pesquisas, aprofundando os estudos nesses trabalhos.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty. educação ambiental. estado da arte.

### 1 Introdução

A Fenomenologia surge com o filósofo Franz Brentano, que tem como principal precursor Edmund Husserl (1859-1938) e desenvolvido na França e na Alemanha e assim constituiu uma das principais correntes de pensamento do século XX. Seguindo essa corrente, temos como outros representantes, os filósofos Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty.

De acordo com Marcondes (2016, p. 16)

O termo “fenomenologia” foi inicialmente utilizado pelo filósofo e matemático alemão do séc. XVIII Johann Lambert para caracterizar a “ciência das aparências” e empregado posteriormente por Hegel em sua “ciência da experiência da consciência”, sendo esta a tradição em que Husserl se inspira.

Husserl usa a fenomenologia como caminho para tornar a Filosofia uma ciência rigorosa, mas de modo distinto das outras ciências naturais. Em sua obra “Ideas” (1962) o autor pressupõe um mundo autônomo, fora do pensamento humano. Assim, tal corrente busca estudar a compreensão da consciência dos seres humanos sobre as “coisas” ou objetos circundantes ao meio que estes habitam no mundo. Em outro sentido, a Fenomenologia se utiliza da base investigativa o campo da consciência a nível pré-conceitual, a fim oportunizar a descrição da realidade.

Ribeiro e colaboradores complementam (2009, p. 46):

Em contraponto ao positivismo e sua pretensa objetividade e neutralidade científica a fenomenologia de Husserl possibilita a retomada da humanização da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerando-os polos inseparáveis, sob dois traços fundamentais: identificar o fenômeno e sua essência.

Galeffi (2000, p. 19) nos permite compreender a Fenomenologia como “o retorno à consciência”. Esse retorno implica colocarmos no caminho das próprias coisas, isto significa retornar a elas.

A crescente tendência ao movimento filosófico da fenomenologia, a partir de uma perspectiva existencialista, foi graças as contribuições significativas do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que foi o principal seguidor de Husserl e, nos apresenta a Fenomenologia da Percepção (1945), onde procura desenvolver uma análise do sujeito no mundo, anterior mesmo à relação de conhecimento, considerando o sujeito como corpo e a consciência como encarnada no corpo, tentando assim evitar o dualismo cartesiano que considera presente ainda em Husserl (MARCONDES, 2016).

A Fenomenologia da Percepção tem ganhado mais visibilidade no campo da Educação Ambiental, quando parte do interesse pela relação dos significados das experiências dos sujeitos e as suas consciências de Mundo. Essa abordagem científica de natureza ontológica e investigativa na Educação direciona para uma análise que tem como princípio de entendimento o envolvimento recíproco entre sujeito e situação; em outras palavras, a consciência que temos do espaço ambiental possui uma relação intrínseca com as atitudes vivenciadas no ambiente.

Nessa direção, o trabalho objetivou fazer um mapeamento das pesquisas feitas na forma de dissertações e teses em educação ambiental que apresentaram a perspectiva da Fenomenologia.

## **2. Caminho da pesquisa**

Esta pesquisa consiste em um trabalho de natureza qualitativa do tipo estado da arte. Segundo Chizzotti (2003) a pesquisa qualitativa recobre um campo transdisciplinar que envolve as ciências humanas e sociais, assumindo diversas formas de análise e busca encontrar os sentidos dos fenômenos humanos e entender seus significados. Já as pesquisas denominadas estado da arte são pertinentes, uma vez que possibilitam a constatação dos estudos que vêm sendo realizados em uma temática e quais aspectos estão sendo abordados em detrimento de outros. Dada sua importância para o campo de investigação, Romanowski e Ens (2006, p. 39), ressaltam que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes

significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Desse modo, o estado da arte tem por objetivo realizar levantamentos sobre um determinado assunto por meio de pesquisas realizadas em uma determinada área de conhecimento. As autoras argumentam ainda que o estado da arte não se restringe à identificação das produções, mas analisá-las, categorizá-las e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

O *corpus* documental consiste nos resumos de Teses e Dissertações brasileiras sobre Educação Ambiental. A busca dessas produções foi realizada no Banco de Teses e Dissertações Brasileiras em Educação Ambiental (EArte)<sup>1</sup>.

Com o intuito de buscar estudos similares referentes à temática, optou-se por proceder a esse levantamento por meio de três descritores: a) Fenomenologia; b) Percepção ambiental; c) Fenomenologia da Percepção. A opção por esses descritores se deu com o intuito de realizar um levantamento para a construção de um panorama geral das produções acadêmicas relativas ao nosso objeto de estudo e, posteriormente, analisar esses estudos com base no objetivo delineado.

Os trabalhos foram organizados em categorias: 1) dados institucionais; 2) contexto não escolar, escolar ou abordagem genérica, 3) Gênero das/os autoras/es; 4) Programa de Pós-graduação.

### **3. Fenomenologia da percepção e a educação ambiental**

A Percepção Ambiental, com base na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, vem sendo trabalho de bastante interesse por pesquisadores, educadores e outros setores sociais.

Partindo do olhar de Merleau-Ponty, a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência e não pensa que se possa compreender o ser humano e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade", ou seja, de sua existência no planeta. Assim, a consciência humana está perpetuamente direcionada para os fatos, eventos, pessoas, expressões do e no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Nesse sentido, a percepção

---

<sup>1</sup>O projeto EArte - referência ao estado da arte da pesquisa em Educação Ambiental, tem como objetivos, entre outros, constituir acervo das dissertações e teses sobre EA desenvolvidas no Brasil e realizar estudos descritivos e analíticos sobre esta produção. O projeto vem sendo desenvolvido com a participação de pesquisadores da UNESP - Rio Claro, UNICAMP - Campinas, USP - Ribeirão Preto. UFTM, UFMS, UNEMAT e IFSP. [www.earte.net](http://www.earte.net).

não é uma síntese puramente intelectual, ao contrário, ela é experimentada pelo corpo e no mundo, em nível pré-reflexivo. A reflexão ocorre após a percepção e ajuda a solidificá-la ou clarificá-la, pois uma percepção que não é seguida de pensamento logo se perde. A reflexão envolve a linguagem e isso nos afasta ainda mais da imediação (OZMON; CRAVER, 2004, p. 252).

Um elemento significativo para compreender a Fenomenologia da Percepção é o Corpo. Em sua obra “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (1999) apresentava o corpo não somente como um objeto, mas como um agente sensível a todos os objetos. O corpo é sensível ao ambiente e a tudo que integra a sua experiência corporal.

A experiência com o ambiente está ganhando mais visibilidade nas abordagens temáticas na área da Educação Ambiental e, para isto, a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty permite-nos pensar sobre essa relação com o espaço ambiental em que vivemos, considerando que este espaço, não se configura apenas em árvores, concretos, muros, mas também na dinâmica das relações pessoais.

De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 14), a nossa percepção está na vivência: “[...] o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. Esse mundo inesgotável a que Merleau-Ponty se refere é o mundo do sensível, do campo da percepção.

A Percepção Ambiental pode ser compreendida como uma maneira de restabelecer novas maneiras de Educação Ambiental com o intuito de valorizar os saberes, as experiências dos sujeitos (RIBEIRO et al. 2009).

Uma alternativa para alcançar os objetivos propostos pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) (BRASIL, 1999) são os estudos com a Fenomenologia da Percepção na Educação ambiental. Afinal, a sustentabilidade seria o resultado de uma diversidade de mudanças que deveriam ser pautadas os diversos aspectos humanos.

Marin (2009, p. 64) diz que

O primeiro ponto diz respeito a outro importante significado das reflexões de Ponty à educação: o papel do corpo na relação do ser humano com o mundo vivido. Podemos considerar que a educação fundada no pensamento clássico privilegiou o desenvolvimento cognitivo em detrimento das outras dimensões do ser humano. Uma educação centrada na transmissão de conteúdos de conhecimentos científicos, onde aprendizado é avaliado pelo acúmulo de informações e pelo treinamento das operações lógicas e da leitura metódica do mundo empírico, dispensou atenção à corporeidade somente no limite do desempenho físico idealizado.

Assim, Morin (2009) reforça a importância em explorar o corpo nas atividades de Educação Ambiental, com objetivo de construir uma prática educativa que não se resume apenas nos livros, mas que ultrapasse as possibilidades de educar.

O estudo da Fenomenologia da Percepção nas pesquisas em Educação Ambiental baseia-se na visão contrária à ciência centrada ao formalismo técnico. Analisar a realidade do ser humano exige considerar que o nosso conhecimento de realidade se relaciona com a percepção individual de mundo. Essa percepção apresenta-se de maneira, muitas vezes, pré-formal, o que significa dizer que analisar a realidade é reconhecer que o nosso modo de viver provem de uma gênese pré-intelectualizada (MARIN e LIMA, 2008).

Marin (2009) e Oliveira (2006) consideram que o sentimento de ser parte da natureza, permite uma abertura relevante para as possíveis intervenções da Educação Ambiental. Uma das preocupações está em valorizar a realidade dos sujeitos envolvidos:

A partir do momento em que o ser humano se sentir como elemento integrante do meio ambiente, os problemas ambientais poderão ser amenizados. Como este não se vê enquanto natureza, sua maior preocupação está relacionada exclusivamente à questão econômica, o que está provocando essa cadeia de desequilíbrio no nosso Planeta (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

A Percepção nas abordagens da Educação Ambiental pode ser compreendida como uma importante movimentação para entendermos a dimensão de educar para a mudança. Pensar a EA na perspectiva da Fenomenologia da Percepção é abandonar a linearidade, o Cartesianismo. Para Marin (2008, p. 206), “O pensamento sobre o mundo não deve, portanto, substituir a experiência do mundo.” O corpo não se separa do conhecimento, do pensamento, das ideias, de acordo com Passos e Sato (2005, p. 19):

É indissociável em Merleau-Ponty a dimensão dialética, fenomenológica de três âmbitos: Eu-Outro-Mundo, identitariamente distintos, que mutuamente se remetem um ao outro, ontologicamente inseparáveis, e até “com-fusos”. É precioso em Merleau-Ponty, o exemplo, quando nossa mão esquerda toca nosso braço direito, quem tocou e quem é tocado? Isso não é imaginação, é percepção. Esta situação ambígua incomoda e, de certa forma, torna a EA incompreensível aos olhos tradicionais de quem pensa linear e cartesianamente. De certa forma, somos textos ativos num contexto passivo. Estamos dentro e fora da avaliação, somos sujeitos e simultaneamente objetos. Falamos em filosofia e também de biodiversidade. Inserimo-nos na democratização educativa através do nosso grito ambientalista. Somos, enfim, a liberdade em movimento que içe vãos libertários nas asas dos desejos, buscando a terra que acalenta a alma e amarra o rabo em um porto seguro.

Analisando essa colocação percebe-se que para os autores não existe a delimitação para a percepção. Quando se questiona quem tocou, se foi o braço ou a mão, a autora faz uma analogia ao sentido do conceito de percepção de Merleau-Ponty: ambos foram tocados.

Podemos compreender que influenciemos e somos influenciados pelo ambiente, e o processo educacional corresponde à intervenção para a mudança; no contexto atual de decisões propõe-se uma realidade mais prática de Educação que apresente resultados que reflitam no dia a dia das pessoas.

O estudo da Percepção na Educação Ambiental possibilita o engajamento do cidadão nas decisões políticas, visto que, a partir do momento em que percebemos a importância dos recursos naturais e as implicações da degradação antrópica para a vida no planeta começaremos a pensar em mudanças para dentro e fora dos espaços escolares, pois a proposta da presente Educação Ambiental é considerar todos os espaços ambientais como importantes

Para Marin (2008), Oliveira (2006), Silva e Egler (2002), os estudos da percepção não possuem uma única abordagem, o conhecimento das percepções como um campo em descoberta pode determinar sentimentos, ideias, necessidades, expectativas sobre as realidades dos envolvidos no processo.

De acordo com Silva e Leite (2003, p. 01), “[...] na realidade, o ser humano age no meio ambiente a partir de sua imagem e não a partir da imagem real”. E nesse sentido a EA com seus programas e projetos devem, segundo as autoras “[...] em primeiro plano identificar a percepção ambiental da comunidade envolvida para intervir a partir dela.”

Na defesa da valorização da Percepção Ambiental na Educação Ambiental Silva e Leite (2003, p. 02) consideram que o ponto de partida do processo educativo deve considerar os conhecimentos que as pessoas possuem sobre o meio ambiente, pois, não é conveniente que os educadores cheguem a um ambiente e esqueça-se de trabalhar com a comunidade. “Muitas vezes, a experiência da comunidade proporciona conhecimentos ditos não científicos, mas que são fundamentais para compreender a relação ser humano - meio ambiente”.

#### 4 Mapeamento da produção

Foram identificados através das palavras-chaves e usados para análise 88 trabalhos, distribuídos em 63 dissertações de mestrado e 25 teses de doutorado.

**Tabela 1 - Grau de titulação**

Mestrado	63
Doutorado	25
Total	88

Fonte: dados da pesquisa

Quando analisada a dependência administrativa das instituições de origem das teses e dissertações, apenas 10 são instituições privadas e 78 instituições públicas, estas por sua vez, se subdividem em instituição pública federal (74 trabalhos) e estadual (4 trabalhos) (Tabela 2).

**Tabela 2 - Dependência Administrativa**

Pública - Federal	74
Pública - Estadual	4
Privada	10
Total	88

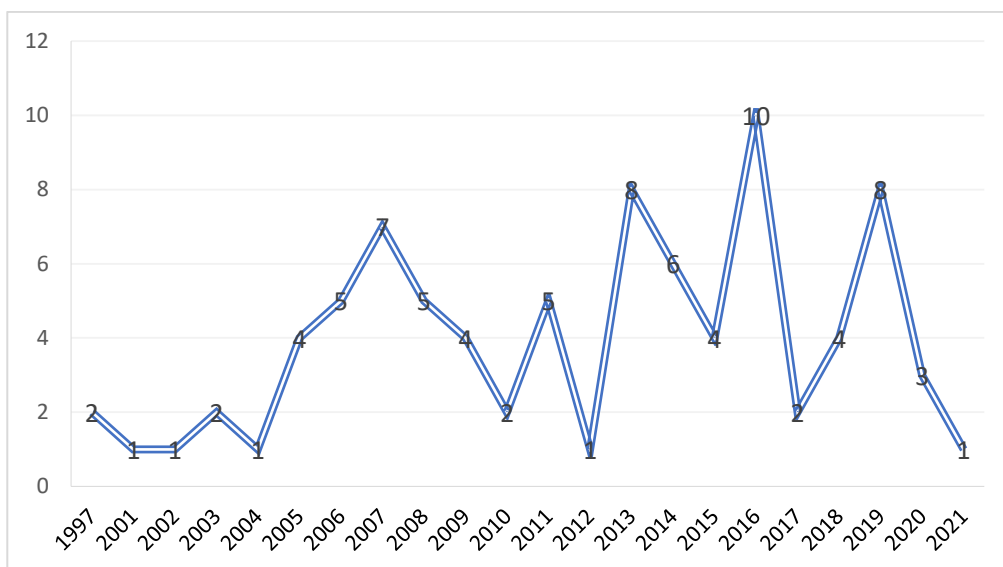
Fonte: dados da pesquisa

Há uma predominância em todos os trabalhos de mapeamento da Educação Ambiental de universidades públicas, seguida pelas estaduais, possivelmente pelos programas de pós-graduação (KAWASAKI, MATOS, MOTOKANE, 2006; LUSTOSA, MATOS, LOUREIRO, 2007; REIGOTA, 2007; CARVALHO, SCHIMIDT, 2008; HENRIQUE, 2018).

Em relação a quantidade de trabalhos produzidos por ano no Brasil, temos do ano de 1997 até o mês de julho de 2021 (Gráfico 1). Podemos perceber um pico mais no ano de 2016, e um decréscimo a partir do Golpe sofrido pela presidenta Dilma, aumentando em 2019 e voltando a decrescer. Infelizmente as perspectivas futuras não são boas, pesquisadores brasileiros estão preocupados com o futuro das pesquisas por conta da redução de investimentos em trabalhos científicos nas universidades públicas.

Pela previsão orçamentária do Governo Federal para 2021, aprovada este ano pelo Congresso, somente o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) perderá 34% de sua verba anual (PIRES, 2020). Houve redução também no CNPq para o ano de 2021 e a Capes perdeu 1,2 bilhões em comparação aos 4,2 bilhões que tinha em 2019.

**Gráfico 1 - Número de trabalhos produzidos por ano**



Fonte: dados da pesquisa

Já a Tabela 3 traz os programas de pós-graduação com produção em Fenomenologia e Educação Ambiental. É possível perceber uma maior produção na região Centro-oeste, em especial no estado de Mato Grosso, o que é interessante de se perceber, pois em trabalhos de mapeamento do campo da EA, na região Sudeste é onde geralmente se concentra a maior produção, como é apresentado por diversos relatos de pesquisa (KAWASAKI, MATOS, MOTOKANE, 2006; LUSTOSA, MATOS, LOUREIRO, 2007; REIGOTA, 2007; CARVALHO, SCHIMIDT, 2008; REIS, SILVA, 2016; MAGACHO, 2017; ANGELI, 2017). Isso pode se justificar pela existência do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT, que possui pesquisas relacionadas a Fenomenologia.

O GPEA foi fundado em 1997 e deste então vem se destacando em pesquisas relacionadas a Educação Ambiental, vulnerabilidade social, justiça ambiental e climática por todo o território brasileiro e em outros países (GPEA, 2021).

**Tabela 3 - Região, Estado e Programas de Pós-graduação**

Região	Estado	Programa de Pós-graduação	Instituição	Quantidade
Sudeste	ES	Programa de Pós-graduação em Educação	UFES	2
	RJ	Programa de Pós-graduação em Geografia	UERJ	1
	SP	Programa de Pós-graduação em Educação	UNISO	1
	SP	Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais	UFSCAR	4
Nordeste	PB	Programa de Pós-graduação em Educação	UFPB	1
	PB	Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento	UFPB	1
	PB	Programa de Pós-graduação em Geografia	UFPB	1
	PE	Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências	UFRPE	2



	BA	Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	UESC	1
	BA	Programa de Pós-graduação em Cultura & Turismo	UESC	1
	SE	Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente	UFS	1
	RN	Programa de Pós-graduação em Educação	UFRN	1
Sul	SC	Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental	UFSC	1
		Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais	UNOCHAPECÓ	1
		Programa de Pós-graduação em Educação	UNISUL	4
		Programa de Pós-graduação em Saúde e Meio Ambiente	Univille	1
		Programa de Pós-graduação em Educação	Univali	2
	RS	Programa de Pós-graduação em Geografia	UFRGS	1
		Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental	FURG	1
		Programa de Pós-graduação em Educação	UPF	1
		Programa de Pós-graduação em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia	UFSM	1
	PR	Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento	UFPR	1
		Programa de Pós-graduação em Geografia	UFPR	1
		Programa de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino	UFPR	2
Centro-Oeste	DF	Programa de Pós-graduação em Comunicação	UnB	1
		Programa de Pós-graduação em Educação	UnB	1
	GO	Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais	UFG	1
	MT	Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais	UNEMAT	1
		Programa de Pós-graduação em Educação	UFMT	49
Norte	AM	Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais	UFAM	1

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 4 nos mostra uma predominância de pesquisadoras em relação aos pesquisadores. Nos trabalhos de mapeamento das pesquisas em Educação Ambiental em eventos, teses e dissertações, há uma predominância do gênero feminino (KAWASA-KI, MATOS, MOTOKANE, 2006; LUSTOSA, MATOS, LOUREIRO, 2007; REIGOTA, 2007; CARVALHO, SCHIMIDT, 2008).

**Tabela 4 - Gênero e autoria dos trabalhos**

Feminino	61
Masculino	27
Total	88

Fonte: dados da pesquisa

No que se refere ao contexto das produções, a Tabela 5 apresenta uma predominância de trabalhos categorizados como não escolar<sup>2</sup> (42), seguido de trabalhos no contexto escolar<sup>3</sup> (28) e por fim, escolar e não escolar (9) e abordagem genérica<sup>4</sup> (9).

Os dados do quadro 2 corroboram com outros trabalhos de mapeamento em EA com áreas específicas (ANGELI, 2017; MAGACHO, 2017; HENRIQUE 2018; HENRIQUE, *et al.* 2020). Mas se desencontram quando comparados com trabalhos de mapeamento da EA de maneira mais genérica (KAWASAKI, MATOS, MOTOKANE, 2006; LUSTOSA, MATOS, LOUREIRO, 2007; REIGOTA, 2007; CARVALHO, SCHIMIDT, 2008; REIS, SILVA, 2016).

**Tabela 5 - Contexto das produções**

Escolar	28
Não Escolar	42
Escolar e Não Escolar	9
Abordagem Genérica	9
Total	88

Fonte: dados da pesquisa

## 5 Considerações finais

A Fenomenologia da Percepção do filósofo Merleau-Ponty é apontada como uma forma de compreender a necessidade vigente da Educação Ambiental. O estudo da Percepção Ambiental oferece-nos ideias que rompem com a visão dicotômica do Cartesianismo. Na filosofia da Percepção o sujeito é um ser construído a partir da experiência no Mundo. Considerando as ideias do filósofo o Homem não é uma continuação do Mundo, ele é pertencente ao Mundo, não se separam. É pela percepção que conhecemos o Mundo e que nos reconhecemos.

O estudo sobre a Percepção Ambiental, neste sentido, é um meio de compreender como os sujeitos dessa sociedade adquirem seus valores, bem como compreendem suas ações e se sensibilizam com as questões socioambientais. A Educação Ambiental tendo conhecimento dos

<sup>2</sup>identifica elementos que evidenciam o direcionamento do trabalho para processos educativos não-escolarizados ou relacionados à educação informal ou não formal, visando a população em geral, ou grupos populacionais específicos.

<sup>3</sup>identifica elementos que evidenciam um direcionamento ou preocupação do autor com um determinado nível de ensino escolar. A terminologia adotada para os níveis procurou seguir a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96). São consideradas as seguintes modalidades: Regular; Educação de Jovens e Adultos; Educação Especial; Educação Indígena; Educação Profissional e Tecnológica.

<sup>4</sup>identifica trabalhos que não tratam com especificidade qualquer contexto educacional, escolar ou não escolar, ou seja, trabalhos que lidam com o fenômeno educativo sem fazer referência específica a qualquer espaço ou nível educacional.

valores e ações que os sujeitos possuem frente ao Meio Ambiente tem a possibilidade de elaborar propostas que venham a atingir grande parte da sociedade, visando provocar mudanças mais efetivas.

Mesmo a Fenomenologia da Percepção oferecendo subsídios para a Educação Ambiental, a produção acadêmica, quando comparada com outras áreas do Processo educativo com a Temática Ambiental, ainda é pequena. Nesse sentido, esse trabalho abre oportunidades para mais pesquisas, aprofundando os estudos nesses trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ANGELI, T. **Os significados de justiça ambiental nas pesquisas em educação ambiental: uma análise a partir de teses e dissertações brasileiras.** 113f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

CARVALHO, I.C.M.; SCHIMIDT, L.S.; A pesquisa em Educação Ambiental: uma análise dos trabalhos apresentados na ANPED, ANPPAS e EPEA de 2001 a 2006. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 2 – pp. 147-174, 2008.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação.** V. 16 n.2. Universidade do Minho. Braga, Portugal. Pp. 221-236, 2003.

GALEFFI, D. A. **O que é isto** — A fenomenologia de Husserl? In: Ideação, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.

GPEA. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. **Histórico.** 2021. Disponível em < <https://gpeaufmt.blogspot.com/>> Acessado em 30 de junho de 2016.

HENRIQUE, V. H. O. Mapeamento do campo socioambiental a partir dos periódicos de educação ambiental no período de 2010 a 2014. **Revista Sergipana de Educação Ambiental.** V1 n 5, 2018.

HENRIQUE, V. H. O.; ANICETO, A. F. B.; MARCON, L. L.; CARVALHO, A. G.; BAMPI, A. C. Mapeamento da produção acadêmica brasileira em educação ambiental produzida na área das ciências ambientais. In: III Jornada de Educação e Divulgação Científica, 2020, Vitória. **Anais da III Jornada de Educação e Divulgação Científica.** Vitória: IFES, 2020.

KAWASAKI, C.S.; MATOS, M.S.; MOTOKANE, M.T.; O perfil do pesquisador em educação ambiental: elementos para um estudo sobre a constituição de um campo de pesquisa em educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 1, n.1 – pp. 111-140, 2006.

LUSTOSA, G.; MATOS, M.; LOUREIRO, C. F. B. O estado da arte da Educação Ambiental brasileira a partir do V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental: agentes sociais e

problemáticas. In: IV Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental - 2007, **Anais...**Rio Claro, 2007.

MAGACHO, L. N. **Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais**: um estudo sobre teses e dissertações brasileiras. 145f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. 2017.

MARCONDES, D. **Uma iniciação à filosofia**: os herdeiros da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2016.

MARIN, A. A. A percepção do Logos do Mundo Estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de Percepção e Educação Ambiental. **Interações**, v. 05, nº 11, 2009. Disponível em < <https://doi.org/10.25755/int.375>> Acessado em 25 de junho de 2021.

MARIN, A. A.; LIMA, A. P. Individuação, Percepção, Ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 03, p 265-281, 2009.

Marin, A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**. 3(1), 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 656p.

OLIVEIRA, N. A.S. A educação ambiental e a percepção fenomenologia, através de mapas mentais. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.16, janeiro-junho de 2006.

OZMON, H. A; CRAVER, S. M. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PASSOS, L. A.; SATO, M. Asas de jacarés e rabos de borboletas à construção Fenomenológica de uma canoa. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (Org.). **Educação Ambiental**: Pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.213-232.

PIRES, B. **Ciência brasileira sofre com cortes de verbas e encara cenário dramático para pesquisas em 2021**. EL País. 2020. Disponível em < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-31/ciencia-brasileira-sofre-com-cortes-de-verbas-e-encara-cenario-dramatico-para-pesquisas-em-2021.html?ssm=whatsapp>> acessado em 26 de junho de 2021.

REIGOTA, M.; O Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 2, n. 1 – pp. 33-66, 2007.

REIS, D. A.; SILVA, L. F. Análise de dissertações e teses brasileiras de Educação Ambiental: compreensões elaboradas sobre o tema 'mudanças climáticas'. **Ciência & Educação**, v. 22, p. 145-162, 2016.

RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. In: SINAPSE AMBIENTAL, 7, 2009, Betim, **Anais...** Betim, 2009, pp.42-65.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.

SILVA, L.J. M; EGLER, I. O estudo da percepção em espaços urbanos preservados. In: Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em ambiente e sociedade. Iº Encontro. Sustentabilidade e cidades, 2002. **Anais...** Indaiatuba. ANPPAS. p. 1-10.

SILVA, M.M. P; LEITE, V.D. Percepção Ambiental de educadores de escolas do ensino fundamental da escola pública municipal de Campinas Grande- PB. In: XXVII Congresso Internacional de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2003. **Anais...** Paraíba. ABES. p. 1-4.